

Massa Crítica

PACS
Instituto Políticas Alternativas para o Cone Sul

Setembro de
2010
nº 48

Análise de conjuntura sobre fatos da atualidade nacional e internacional.

RECESSÃO MUNDIAL BATE À PORTA? É HORA DE MUDAR!!!

Basileia III não vai às raízes da crise

Marcos Arruda

O sistema de "livre mercado", que eu chamo de *mercado do capital*, está se aproximando rapidamente da necessidade iminente de ser substituído por outro melhor.

Sem crescimento econômico contínuo, e a qualquer custo - inclusive custo social e ambiental e a exploração dos recursos naturais até o seu esgotamento - o capitalismo não pode subsistir. O artigo "Basileia III", publicado por *O Globo Online*¹ mostra que a probabilidade é de um estrangulamento do crescimento econômico nos países mais ricos, que são também os maiores mercados do mundo. Daí a previsão de uma segunda e mais prolongada recessão *mundial*.

E se olharmos para o crescimento econômico pela ótica

da racionalidade? Veremos que os custos humanos, sociais e ambientais gerados por esse crescimento têm sido tamanhos que já não podem ser mais considerados como meras "externalidades": nem a sociedade nem o governo *podem* continuar pagando por eles! Portanto, o sistema de mercado, fundado no crescimento ilimitado da produção e do consumo, no uso exorbitante de fontes não renováveis de energia e dos bens da Terra, *é ele próprio insustentável!* Ainda mais se projetarmos estes custos para as próximas décadas, incluindo a aceleração exponencial do aquecimento climático e suas cada vez mais devastadoras conseqüências financeiras, sociais e humanas.

O fato é que, com ou sem recessão global, se continuarmos com a orgia do crescimento ilimitado, em poucas décadas, ou até anos, seremos *obrigados* a parar de crescer. As razões disso podem ser múltiplas: seja porque a Terra já não suportará tanto lixo, ou porque os recursos naturais terão se esgotado a um ritmo superior ao da sua reposição ou ao da sua substituição por inovações industriais, seja por escassez de

¹ "Basileia III: bancos terão que aumentar capital de proteção contra crises",

<http://oglobo.globo.com/economia/mat/2010/09/12/basileia-iii-bancos-terao-que-aumentar-capital-de-protecao-contras-crisis-917610577.asp>

energia ou porque as contradições sociais e a destruição dos biomas terão levado a humanidade ao limiar da sua própria destruição. As tensões sociais, hoje concentradas nos países ricos – devido à injeção de trilhões de dólares em favor dos causadores da crise especulativa, a ser paga pelas *sociedades de alto consumo* através de medidas de ajuste fiscal insuportáveis, até hoje só conhecidas pelas sociedades do hemisfério empobrecido -, a militarização do Planeta e a crescente probabilidade de disputas bélicas por recursos naturais cada vez mais escassos, a possibilidade de um conflito nuclear de sérias proporções, com devastadoras conseqüências sociais e ecológicas...

Tais ameaças amplificam ainda mais a voz da Terra-Mátria pedindo socorro.

Conclusão: precisamos de uma nova maneira de organizar a produção, o consumo e o uso dos bens da Terra. Não podemos mais depender do crescimento econômico para promover trabalho e emprego. E precisamos inaugurar outro modo de relação entre as pessoas, as nações e da humanidade com a Natureza. Como? Aqui vão algumas pistas:

* As necessidades, os direitos humanos e a igualdade social dos gêneros serão os referenciais de uma *economia sem fins lucrativos*, na qual *os lucros, a poupança e o investimento serão apenas meios* para promover o fim maior que é a Vida e o pleno desenvolvimento dos seus potenciais.

* Para isto, é preciso submeter o desenvolvimento econômico e tecnológico ao seu objetivo maior, que é o bem viver e o desenvolvimento de cada ser humano e da sociedade como um

todo; esta *economia a serviço da Vida e sem fins lucrativos* tem que substituir a economia de fins lucrativos que hoje prevalece e está levando a civilização, e talvez a própria espécie, à extinção.

* O consumo consciente e respeitoso dos limites dos ecossistemas, da Terra e das gerações futuras tem que substituir o consumismo.

* A posse e a gestão dos bens produtivos, da terra, e dos recursos da natureza devem ser vinculadas ao trabalho e não ao capital detido por rentistas. Que bens produtivos e a terra estejam na posse daqueles que neles trabalham. O sistema patrimonial de propriedade privada e gestão excludente dos meios de produção da riqueza material e imaterial deve ser abolido, pois está na raiz das imensas desigualdades sociais que fragmentam as sociedades e de todo o mundo. Algumas sociedades de povos originários ainda não totalmente absorvidas pelo mercantilismo dominante, e inúmeras cooperativas, associações e redes solidárias mundo afora *dão* testemunho do êxito da propriedade e gestão compartilhadas.

* O trabalho emancipado² tem que substituir o trabalho assalariado e a submissão da vida a uma remuneração, obtida *no mercado do capital*. O trabalho emancipado permite a partilha das responsabilidades produtivas de modo a diminuir o tempo de trabalho necessário de todos, liberando tempo para o desenvolvimento dos potenciais humanos que transcendem a mera sobrevivência física!

² Ver Marcos Arruda, 2003, “**Trabalho Emancipado**”, Verbete no livro *A Outra Economia*, em co-autoria com vários autores, Veraz Editores e Unitrabalho, Porto Alegre, janeiro.

* O *mercado social* tem que substituir o mercado do capital, e nele prevalecerão as trocas fundadas no *ganha-ganha*, e não na competição e na extorsão em busca do máximo lucro.

* A gestão democrática e transparente das finanças públicas, voltadas para a produção e circulação de bens *suficientes para promover o bem viver de todos*, tem que substituir o irracional sobre-endividamento³ e a gestão social e ambientalmente irresponsável do Orçamento público a serviço dos grandes bancos e financeiras e das classes sociais abastadas.

* O dinheiro, concebido como *seiva do organismo social*, deve ser descentralizado através de moedas complementares e da circulação contínua, a fim de realizar sua natureza que é ser a energia que irriga com poder de compra cada célula do grande organismo - a espécie humana - substituindo o capital-dinheiro que foi convertido de meio em fim da atividade econômica e está na origem das crises financeiras que afligem o Planeta há décadas! Para isto, devemos estabelecer um sistema bancário como serviço público de fins não lucrativos, com dois tipos de instituição, o público e o comunitário.

* O desenvolvimento endógeno, solidário e autogestionário, do território em que vivem famílias e comunidades, planejado e realizado de forma participativa, visando a produção e a distribuição de bens materiais *suficientes para garantir a sustentabilidade dos humanos em harmonia com os ecossistemas*, tem que substituir o crescimentismo comandado

pelas corporações globais, que concentram poder, dinheiro e influência política tamanhos que anulam a autenticidade da democracia com a realidade monopólica da *corporatocracia*.

* A reforma agrária abrangente e a agroecologia devem desconcentrar e curar a terra, as sementes, a tecnologia, o conhecimento e devem garantir a soberania alimentar e alimentação saudável para os povos, substituindo a estrutura fundiária concentrada, responsável pela expulsão de camponeses e pequenos agricultores do campo, e pela síndrome da produção agrícola principalmente para a exportação na forma de monoculturas altamente centralizada.

* O planejamento urbano democrático orientado para uma transição no sentido de núcleos urbanos conviviais e sustentáveis tem que substituir a irracionalidade caótica das atuais megacidades.

* Métodos de definir as metas do desenvolvimento *com base em índices de bem viver e felicidade humana e social* têm que substituir o reducionismo do PIB - produto interno bruto.

* A democracia direta e participativa tem que substituir a 'democracia' reduzida a eleições dominadas pelos seus financiadores corporativos e pela grande mídia.

* O poder político e os meios de comunicação como serviços públicos têm que substituir a corrupção generalizada, em que governos e políticos estão casados com os interesses do grande capital.

* O planejamento democrático, de baixo para cima e de cima para baixo, tem que substituir o caos capitalista, no qual cada indivíduo, cada empresa e cada

³ Em julho de 2010 o Brasil tem uma dívida interna pública de mais de R\$ 2 trilhões, e uma dívida externa total de mais de 300 bilhões de dólares. Quase 60% dos domicílios brasileiros estão endividados com bancos privados ou públicos.

país se planejam isoladamente, buscando maximizar seus próprios benefícios *em contraposição* uns com os outros.

* A visão sistêmica, holística da Terra-Mátria como um organismo vivo, e nós como modesta parte consciente reflexiva deste organismo, tem que substituir a visão atomizada que marca o egocentrismo, corporatocentrismo, antropocentrismo e androcentrismo dominantes na cultura patriarcal em decadência. A cooperação, a comunicação democratizada, a celebração da vida, a primazia dos valores do Feminino - a reciprocidade, a solidariedade, a paz, a harmonia com o meio natural, o amor (ou seja, a edificação contínua e incessante de *unidades respeitando a diversidade*) têm que substituir a cultura da guerra entre pessoas, empresas, países, nações, raças, e a guerra brutal da espécie humana contra a Terra-Mátria.

Com isto estamos dizendo que devemos ler a realidade atual do Brasil e do mundo com óculos diferentes dos habituais. Usemos a ótica da interconexão de todas os seres e formas de vida, da solidariedade, da sustentabilidade e do amor à Terra-Mátria que nos dá vida e sustento. Se quisermos uma humanidade saudável, unida e feliz, temos que construir uma economia democratizada, socializada, cooperativa e solidária. E praticá-la como caminho evolutivo no sentido do fim maior que é o desenvolvimento humano e social no sentido de sempre mais bem viver e felicidade. Sem tardança!

Esta reflexão é particularmente oportuna no Brasil de hoje, onde se celebram uma vez mais

eleições nacionais só formalmente democráticas. É uma reflexão que rompe os paradigmas tanto das direitas quanto das esquerdas produtivistas - ambas presas do paradigma do crescimentismo e da economia divorciada do social e do ecológico. ***



Address: Av. Rio Branco, 277 - sala 1609 -
Centro - Rio de Janeiro/RJ
CEP.: 20040-009 - Telefax: 55 21 2210-2124
Website: www.pacs.org.br
E-mail: pacs@pacs.org.br

Associada à ABONG - Associação Brasileira de Organizações Não Governamentais - desde 1991

Utilidade Pública Federal - Portaria nº 2.476, de 17 de dezembro de 2003 - Diário Oficial da União de 18/12/2003.

Utilidade Pública Estadual - Diário Oficial de 02/06/2003 - Lei nº 4.108.

Utilidade Pública Municipal - Diário da Câmara Municipal do Rio de Janeiro de 13/09/2004 - Lei nº 3832 de 09/09/2004

Inscrição nº 620 no Conselho Municipal de Assistência Social - CMAS, processo nº 08/015202/03, publicado no Diário Oficial do Município de 28/10/2003.